

## **ESCOLA UNITÁRIA E FORMAÇÃO OMNILATERAL: PENSANDO A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO**

*Evandro Santos Duarte*

*Neiva Afonso Oliveira*

*Ana Lúcia Koga*

**Resumo:** O texto “Escola unitária e formação omnilateral: pensando a relação entre trabalho e educação” foi construído a partir do estudo qualitativo bibliográfico que buscou discutir os conceitos, pensar as possibilidades e refletir as limitações da escola unitária proposta por Antonio Gramsci (1891-1937) e da formação omnilateral defendida por Karl Marx (1818-1883) na sociedade contemporânea. Considerando a educação como sendo um dos pilares da formação humana, questiona-se a concepção capitalista de trabalho e educação. Pensando a partir da relação dialética que existe entre o Trabalho e a Educação na escola unitária e na formação omnilateral dos sujeitos enquanto meio de superação da concepção capitalista de educação. Buscando apresentar que a superação da dicotomia entre educação propedêutica e ensino técnico proporciona a formação integral dos sujeitos, sendo à base da escola unitária gramsciana. Utilizando-se de forma inicial da análise social e educacional que os pensadores Karl Marx (1818-1883) e Antonio Gramsci (1891-1937) fizeram e discutindo quais as contradições apontadas por eles que não foram superadas na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Escola Unitária; Formação Omnilateral; Educação; Trabalho.

### **1 Introdução**

A educação tem como uma de suas finalidades (talvez a maior) o processo de humanização do ser, um caminho para levar o homem de seu ambiente natural subjetivo para uma forma intersubjetiva de viver em sociedade com outros seres de sua espécie, mas também com a natureza e os outros animais. Esse processo de humanização não acontece de maneira mecânica como algo pronto, acabado, com a forma pré-determinado, ele se constrói nas contradições, nos problemas, na busca pela superação da realidade desumanizadora que o homem se coloca nas suas relações com os outros e a natureza.

A escola unitária gramsciana apresenta-se como caminho para a construção do ser mais humano, possibilitando que os homens e as mulheres superem a realidade consumista contemporânea, não limitando a educação a uma forma de ascensão social, ou, uma maneira de qualificação profissional. Não reduz a educação a mero instrumento de manutenção do

modo de produção capitalista, que se mostra em crise e aponta suas limitações, como um sistema econômico que proporciona apenas uma formação unilateral.

Relações mais humanas e menos mercadológicas dependem de uma nova concepção de educação e sociedade, onde a construção de conhecimento acontece em um processo orgânico e dialético pautado na coletividade unitária. A escola unitária gramsciana ao possibilitar a formação integral pode ser um caminho para essa sociedade mais humana. Mas isso depende da compreensão por parte dos sujeitos envolvidos no processo de construção de outra forma de educar, mais humana, voltada para a qualificação da vivência entre o homem e a mulher, entre estes com a natureza, tendo clareza da necessidade da mudança, e da apropriação deste ideário educacional e político. Compreensão que pode ser alcançada com a superação da concepção de educação voltada para a técnica, dependendo da tomada de consciência de que as dimensões do trabalho e educação podem trabalhar juntas possibilitando uma formação omnilateral do ser humano, compreendendo por meio disso que somos seres que estão em constante aprendizagem, em constante mudança. Como no exemplo da flor que Friedrich Hegel (1770-1831) cita para descrever a dialética, uma flor que está em constante floração, que encerra ciclos, mas que sempre inicia uma nova realidade. A educação busca enquanto meio de formação dos sujeitos essa superação dialética, o vir a ser dos homens em busca da sua liberdade plena.

A educação deve ser um processo que conscientize o ser humano que a mudança social que buscamos acontecerá quando participamos de forma emancipada dos processos de produção dos bens materiais, e de forma efetiva e democrática nas decisões políticas do nosso tempo, não somente no sentido democrático apresentado na contemporaneidade, mas como sujeitos da mudança para a emancipação de todos os seres humanos.

Refletindo sobre a complexidade da formação humana e sua relação com a educação e a influência que a divisão social do trabalho tem nos processos educativos, poderemos apontar caminhos e construir a práxis social que possibilite uma sociedade mais unitária e humana. A relação dialética entre educação e trabalho é a base para a discussão teórica na construção da escola unitária que seja contra hegemônica, que forme a partir dessa contradição um ser humano omnilateral.

Analisar a educação que está em construção na contemporaneidade, a relação que existe entre o modo de produção capitalista e as políticas públicas definidas pelos governantes é um fato que pode esclarecer as compreensões dos sujeitos envolvidos diretamente no processo educacional sobre o que e porque estamos ensinando. Os pontos que se mostram

contraditórios na educação contemporânea, os quais criam barreiras para a formação de uma educação unitária que possibilite a emancipação dos sujeitos são mostrados no texto. Construir a educação como uma práxis política de luta contra o sistema econômico que aliena e oprime a formação integral do ser humano, buscar para essa práxis o diálogo com pensadores que propõem a formação omnilateral como sendo um caminho para construção de um homem livre, são ações constitutivas de um projeto pedagógico que tem no horizonte a questão da formação.

A escola unitária gramsciana ao possibilitar a formação emancipatória aponta caminhos e perspectivas de uma mudança na Educação como um todo, não apenas do ponto de vista pedagógico-técnico, ou da perspectiva curricular, mas da práxis ético-política, e da formação humana, voltada para a sociedade humana que tanto queremos. Contribuindo para a práxis de Educadores e Educandos sujeitos de sua própria vida, propondo argumentos e ideias que buscam a superação da realidade dicotômica que separa a técnica da dimensão humana. Problematizando a formação que prioriza a técnica, discutindo a partir da reflexão filosófica a práxis dos indivíduos que compõem a Educação em todos os seus níveis, fazendo com que estes sujeitos construam uma sociedade mais ética e humana.

A reflexão da formação humana na educação e seus desafios não envolvem apenas dimensões epistemológicas e gnosiológicas, mas condições políticas, sociais, econômicas e culturais. Não podemos pensar a discussão como pronta e acabada, temos que compreender os caminhos contra hegemônicos que podem vir a ser a escola unitária gramsciana e a formação omnilateral como sendo meio para emancipação do ser humano. Discutiremos neste texto elementos que pensamos ser pertinentes para uma compreensão inicial da temática.

## **2 Trabalho e Educação: buscando uma integração dialética**

A sociedade contemporânea nutre-se de uma preocupação com a construção da educação voltada para o mundo do trabalho e para técnica. Para Antônio Gramsci (1891-1937), não é o trabalho que desumaniza o homem, mas o fato de ele não pensar e não ajudar a criar as várias formas de produção, não compreendendo o trabalho como um meio de formação. Para Nosella (2007), o trabalho e a educação podem indicar um fato existencial e um princípio pedagógico. O fato existencial remete à dimensão histórica do homem, já que desde que se reconhece por homem existe em sua formação uma reciprocidade entre as atividades que potencializam sua existência e as atividades que estão ligadas a sua

sobrevivência. Enquanto princípio pedagógico essa relação ganha importância com o surgimento das indústrias, e a possibilidade de o trabalho ser princípio educativo.

O trabalho está socializado, ele não é mais um bem subjetivo, que foi construído pelos indivíduos para sua existência, o resultado do trabalho é um bem objetivo que pertence aos donos dos meios de produção, que é utilizado como meio de alienação e não de emancipação, assim ela acaba definindo a existência histórica dos homens. Deveria ser por meio dele que o homem construiria as condições para a sua vida, criando um mundo humano. Por vezes, o homem alienado não consegue perceber esta possibilidade que é o trabalho, o percebe como fim, não consegue ver para além das condições de produção e consumo, não entendendo o trabalho como meio de formação humana. O modo como o ser humano trabalha muda a forma como o ser humano existe.

No modo de produção capitalista, os processos formativos em sua grande maioria têm como objetivo aumentar a produtividade do trabalho. Estas mudanças são necessárias para o capitalismo, e sem essa mutação constante o sistema capitalista não poderia sair das crises que sofre no decorrer dos tempos históricos. Por meio dessas mudanças, busca-se produzir mais em cada vez menos tempo. Isso acontece pelo parcelamento do trabalho. Dividindo em atividades específicas, o resultado do trabalho só existirá através da soma dessas partes anteriormente fragmentadas. Onde o trabalhador não precisa dominar muitos conhecimentos, mas apenas sua tarefa específica.

Mas o trabalhador não pode permanecer eternamente em sua tarefa, o modo de produção capitalista precisa que os trabalhadores trabalhem com diversas tarefas para contribuam com a expansão do capital. Então, ao mesmo tempo em que têm um conhecimento fragmentado e específico, transitam por diversas funções, mas nunca conseguem refletir e compreender que a parte que executam no momento se completa com a outra que realizavam anteriormente, fazendo parte de um todo.

O verdadeiro significado da educação, para os economistas filantropos, é a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais, de tal modo que, se é despedido de um trabalho pelo emprego de uma máquina nova, ou por uma mudança na divisão do trabalho, possa encontrar uma colocação o mais facilmente possível (MARX e ENGELS, 2011, p. 114).

Para Marx, uma formação mais humana será construída quando o trabalhador dominar os fundamentos científicos, teóricos e práticos dos diversos processos do trabalho que atuam contra a alienação. Mesmo com domínio sobre a concepção de trabalho, ainda sim a alienação não seria superada em sua totalidade nas condições sociais contemporâneas. Mas, ao

aperfeiçoarmos o sistema de educação criaríamos possibilidades para uma emancipação dos trabalhadores, visto que as condições são históricas e podem vir a ser superadas (SOUSA, 1999).

Podemos citar o exemplo que Marx (1988) nos dá do arquiteto e da abelha. Comparando o pior dos arquitetos com a mais hábil das abelhas, por pior que possa ser o trabalho desse arquiteto, antes da execução do projeto, a concepção já existe na consciência dele, ele antecipa a ação. Enquanto a abelha age puramente segundo um instinto natural, sua ação não tem uma finalidade consciente. Essa antecipação do homem é o que vai diferenciar a ação dele da dos outros animais. A intencionalidade consciente é o que vai possibilitar a superação da alienação e isso só acontece por meio do trabalho consciente do homem. E o que possibilita que o processo de antecipação e consciência aconteça é a educação.

Saviani (1989) lembra que a educação refere-se ao homem, rememora que o papel dela é o homem. Para compreendermos a relação entre educação e trabalho temos que pensar no que é o “homem”, o que o faz ser “homem”. Uma possibilidade de definição da existência humana é o trabalho, é ele que caracteriza a nossa existência. O homem constitui-se à medida que necessita produzir a sua existência, ele se constitui à medida que precisa transformar a natureza. Ajustando a natureza às suas necessidades e as finalidades humanas, trabalhar acaba sendo agir sobre a natureza para transformá-la.

Ao compreendermos a relação que existe entre educação e trabalho na construção da existência humana, possibilitaremos a formação de um homem não alienado. A dificuldade para percebermos a relação entre o trabalho e a educação acontece segundo Saviani (1989) porque a partir da modernidade a sociedade, em virtude do capitalismo, revoluciona as técnicas de trabalho constantemente, incorporando os conhecimentos como força produtiva. A sociedade converte a ciência em força produtiva através das indústrias. Dessa maneira, torna-se cada vez mais difícil o homem compreender o trabalho como uma atividade humana.

[...] para Marx, no capitalismo a atividade produtiva é acentuadamente marcada por um caráter alienado que nega o homem e o trabalho enquanto atividade humana. Portanto, o homem que se apresenta como expressão das relações sociais burguesas é um homem alienado, tanto o que se apropria dos produtos do trabalho quanto o que deles é desapropriado, precisamente no sentido de que ambos estão sob a égide do capital, numa sociabilidade em que se impõe de maneira universalizante a forma mercadoria como forma de realização do trabalho e do intercâmbio entre os indivíduos (SOUSA, 1999, p. 102).

Essa negação do trabalho enquanto parte da dimensão humana repercute na educação, pois acaba mascarando a ideologia do capital e não permitindo que os sujeitos envolvidos no processo de educar percebam a relação que existe entre trabalho e educação. Assim, o

currículo escolar, por exemplo, desde a escola básica guia-se pelo princípio do trabalho que transforma a natureza, mas isto não fica claro em um primeiro momento. Observando o currículo do ensino fundamental percebemos que nele consta o ensino das ciências biológicas como uma área de conhecimento, mas o fato de estar no currículo não é de forma ocasional, esta área de conhecimento foi incluída no currículo, dentre outros motivos, porque o ser humano tem a necessidade de transformar a natureza e para isso ele precisa conhecê-la. Nesse nível, o trabalho apenas orienta alguns princípios básicos que os indivíduos precisam conhecer para viver em sociedade e se adaptarem ao modo de produção capitalista (SAVIANI, 1989).

No ensino médio, o trabalho busca aprofundar esses princípios básicos e em alguns casos insere práticas efetivas de trabalho. Mas independente da profundidade ou da finalidade na educação básica já se utiliza os princípios do trabalho para a construção dos currículos e das práticas educacionais, embora nem sempre isso aconteça de maneira consciente. O que torna-se necessário é que a dicotomia entre trabalho manual e intelectual seja desfeita, que a escola seja um campo aberto para aprendizagem dessas duas dimensões sem existir uma segregação escolar pré-concebida daqueles que são aptos a aprenderem o trabalho intelectual e os que não são.

Para Saviani (1889), na sociedade capitalista o trabalhador precisa ter certos conhecimentos para poder utilizar os instrumentos de produção, mas esse conhecimento não é ensinado em sua totalidade, pois ele pertence aos donos dos meios de produção. Os conhecimentos são passados de forma parcelada, fragmentada e, assim, o trabalhador não domina as técnicas de seu trabalho, não alcança a compreensão da finalidade dele. Os conhecimentos relacionados ao trabalho acabam ensinados em sua totalidade somente para os representantes dos donos dos meios de produção, o trabalhador em geral acaba sendo expropriado das técnicas e dos conhecimentos totais de suas atividades. Nessas condições, “os trabalhadores são exigidos apenas como executores de tarefas previamente elaboradas” (SOUSA, 1999, p. 103), onde realizam tarefas específicas e limitadas, onde seu desenvolvimento será pela atividade produtiva, atividade que é essencial para sua existência, consumindo praticamente todo o seu tempo de vida. Devido à limitação imposta pelo meio de produção acaba restringindo a sua formação a mero reprodutor de técnicas.

Os trabalhadores acabam por produzir a sua existência destituída de qualquer fundamentação científica, sendo apenas executores, desconhecendo a natureza de sua

atividade, reduzindo-se a força produtiva e simples meio de produção de valor. Nessas condições quase inexiste formação humana.

Nesta concepção, que se baseia na divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, na divisão entre proprietários e não proprietários de meios de produção, o trabalhador detém apenas a sua força de trabalho. Tal concepção também vai implicar na divisão entre os que concebem e controlam o processo de trabalho, e aqueles que executam o processo de trabalho. O ensino profissional é destinado àqueles que devem executar, enquanto que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo (SAVIANI, 1989, p. 14-15).

O ensino profissionalizante acaba servindo a essa lógica de divisão do trabalho, ele acaba se constituindo para instrumentalizar os educandos nesse sentido, onde as especialidades são autônomas e fragmentadas. O trabalhador é formado para executar determinada tarefa de forma eficiente conforme a necessidade do “mercado de trabalho”. Produzir e consumir objetos tornou-se o principal objetivo da sociedade, resultando por contribuir para a fragmentação do saber e a divisão social do trabalho. A educação, nesse sentido, acaba recebendo influências dessa concepção de sociedade consumista, que constrói um ensino dual, onde há os alunos que serão preparados para o trabalho manual, onde realiza-se a execução, e aqueles que são preparados para a organização, a gestão, a elaboração da execução. O consumo dos bens produzidos torne-se uma deformação, onde “uns poucos consomem demais, outros de menos, e todos de forma inadequada” (NOSELLA, 2007, p. 149).

Na contemporaneidade, as relações de produção se transformaram de maneira mais rápida, exigindo dos trabalhadores uma instrução de caráter pluriprofissional, onde eles precisam dominar vários conhecimentos, compreendendo de maneira genérica como acontece o processo de mais-valia. Isso tem acontecido principalmente no setor de serviços, onde os trabalhadores estão limitados à reprodução de técnicas de vendas ou de prestação de serviços. Embora exista uma diferença significativa do processo de trabalho desde o início da revolução industrial, em sua grande maioria, os trabalhadores estão expropriados do processo de criação de trabalho. A escola dentro dessa realidade é colocada a reproduzir essas relações de produção, fragmenta o ensino, e seleciona os aptos para determinadas técnicas.

A divisão social do trabalho repercute no homem moderno, quando ele é “separado” da sociedade, transformando-se em indivíduo. Esta individualização é realizada para o aumento da produtividade. Ou seja, ele é separado do coletivo e é obrigado a produzir individualmente a sua vida, onde sua atividade de trabalho é solitária, suas responsabilidades também o são, e principalmente, a sua formação acontece de maneira individual e

fragmentada. A responsabilidade pelo sucesso ou fracasso é sua, a sociedade, na perspectiva capitalista, da todos os meios para alcançar a sua “formação plena”. Embora permita que alguns alcancem o “sucesso” e a “formação plena”, esta concepção de sociedade proporciona apenas uma formação unilateral do indivíduo.

Se as circunstâncias em que este indivíduo evoluiu só lhe permitem um desenvolvimento unilateral, de uma qualidade em detrimento de outras, se estas circunstâncias apenas lhe fornecem os elementos materiais e o tempo propício ao desenvolvimento desta única qualidade, este indivíduo só conseguirá alcançar um desenvolvimento unilateral e mutilado (MARX e ENGELS, 2011, p. 43).

O desenvolvimento pleno do indivíduo humano passa por contrapor essa visão de educação unilateral e mutiladora não a aceitando como a única forma de formação, onde o indivíduo é fragmentado e determinado pelas relações econômico-sociais, limitando-se a reprodução do pensamento alienante da sociedade consumista. A escola unitária pode vir a ser um projeto de educação que aponta caminhos para o desenvolvimento social humano, não restringindo-se a avanços científicos e tecnológicos. Nesse sentido, apontaremos elementos para uma reflexão inicial sobre a escola unitária e a relação dela com a formação omnilateral.

### **3 Escola Unitária e formação omnilateral: pensando horizontes para formação**

Devemos buscar uma formação escolar que seja construída tendo como base uma instrução intelectual, física e tecnológica para todos, que seja pública e gratuita não só no ideal, mas na realidade concreta. Não privilegiando apenas um aspecto, mas a totalidade que forma o ser humano, tendo como práxis a unidade e organicidade na formação (MARX e ENGELS, 2011). Poderíamos definir uma formação omnilateral dessa forma, que procura potencializar todas as lateralidades do ser humano. Que leve o ser humano a construção de sua existência de forma emancipada, livre de limitações alienantes.

A escola unitária proposta por Gramsci (1982) busca a superação da dicotomia histórica entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. A ênfase que a história deu à produção de mercadorias materiais refletiu os valores fundamentais do modelo industrial para o qual o trabalho intelectual, não era trabalho. Gramsci (1982) busca desenvolver uma concepção de escola que forme a partir de ambas as dimensões, afirmando que todos os homens são intelectuais, ou seja, que os trabalhadores também usam-se da razão para a execução de sua tarefa, e os intelectuais também são trabalhadores, usando-se de processos físicos para a sua produção intelectual.



Gramsci (1982) compreende que não existe trabalho manual que não tenha elementos intelectuais, nem trabalho intelectual que não contenha práticas manuais. Todo trabalho humano envolve essas duas dimensões, que trabalham de forma dialética e unitária. Assim, a escola unitária refere-se ao domínio dos fundamentos das diferentes técnicas científicas que fazem parte do trabalho, e das modalidades de trabalho, bem como do conhecimento humanista de cultura geral. Domínio das técnicas em nível intelectual e abstrato, potencializando o trabalho manual, por permitir uma dialética constante com o intelectual, construindo uma criatividade orgânica do ser humano faz parte da proposta de escola unitária de Gramsci, que se contrapõe a formação estritamente técnica, permite um perfil amplo e crítico do trabalhador, que toma consciência de sua condição de existência no mundo, busca a construção de conhecimento que contribui para a emancipação-de-si e dos outros.

A escola unitária busca possibilitar os fundamentos das diferentes técnicas científicas que caracterizam o trabalho moderno, desde sua concepção-criação até sua execução. Possibilitando com a execução nova reflexão, onde se mostra uma nova concepção-criação, sendo a formação uma práxis dialética criadora. Quando falamos em concepção-criação, não estamos nos referindo apenas a criações-concepções elaboradas de forma complexa; estamos falando também das mais simples elaborações de trabalho. Tendo como um de seus princípios a unidade dialética entre a teoria e prática, abarcando um caráter de totalidade na construção do indivíduo, possibilitando uma formação plena em significado humano, uma manifestação do indivíduo enquanto ser de constante mudança e construção, independente da atividade que irá ocupar na sociedade a omnilateralidade firma-se como proposta de formação. Trata-se de uma formação que privilegia o trabalho manual e coloca a intelectualidade como sendo o outro meio/lado da formação.

Ao dominar os fundamentos do trabalho e o conhecimento humanista de cultura geral, o educando está em condições de desenvolver o trabalho como um meio de formação, em uma realidade orgânica e dialética, não limitando-se à produção, ao consumo, e em consequência à alienação. O educando de uma formação omnilateral atingirá um desenvolvimento que alcança e atende a todos os aspectos humanos voltados para sua emancipação.

Para Gramsci (1982), no mundo moderno, a educação técnica está estritamente ligada ao trabalho produtivo capitalista e, por isso, propõe uma nova base para a formação dos educandos na escola, onde parte-se da educação técnica-trabalho para chegar-se à educação técnico-científica. A educação precisa trabalhar com os educandos desde uma concepção

humanista histórica, sendo esta a concepção mediadora do trabalho com a ciência. Pois, para Gramsci, sem a concepção humanista histórica, o trabalhador permanecerá apenas um especialista, e não se tornará dirigente (especialista político).

Assim os educadores, cuja função é ajudar a todos os homens “a se tornarem homens livres, justos e contemporâneos, não podem esquecer de atualizar seus conhecimentos, sua linguagem, seus métodos e programas escolares” (NOSELLA, 2007, p. 148).

Devemos buscar que a escola unitária seja apropriada pelos educandos e educadores como sendo outra forma de escola. A apropriação desta concepção escolar permitirá que o trabalhador-educando fique em condições de desenvolver várias formas de trabalho, que ele tenha conhecimento intelectual e autonomia para escolher a atividade que deseja desenvolver. Um desenvolvimento omnilateral abarca, portanto, todos os ângulos da prática do trabalho. Entretanto, a clareza e entendimento de que esta formação não é tão simples porque vivemos em uma sociedade que tem como princípio a divisão social do trabalho entre os donos dos meios de produção e os proprietários da força produtiva. Até por isso, temos uma divisão curricular em disciplinas e isso reflete a própria concepção de sociedade. Divisão curricular que resultará nas divisões de funções na sociedade e estabelecerá as diferentes profissões. Contrapondo essa lógica precisamos compreender que

[...] **o trabalho** é fundamentalmente **interação dos homens entre si e com a natureza**. Por isso, a “escola-do-trabalho” não burguesa é a escola que educa os homens a dominar e humanizar a natureza, em colaboração com os outros homens. Se, historicamente, o trabalho, de manifestação de si, tornou-se perdição de si, o processo educativo precisa inverter esse movimento, recuperando o sentido e o fato do trabalho como libertação plena do homem (MARX apud NOSELLA, 2007, p. 148, grifos do autor).

A escola unitária pode representar um caminho para superar as contradições do sistema educacional contemporâneo, mas para essa realização o trabalho e o conhecimento humanista de cultura geral devem ser a “problemática” central na busca pela mudança (GRAMSCI, 1982).

Mesmo a realidade contemporânea sendo complexa e limitadora, temos que buscar a qualificação da sociedade, mesmo parecendo uma utopia. Não podemos ficar presos à ideia de que primeiro devemos mudar a consciência e depois a realidade, porque essa mudança acontece de forma mútua, orgânica, unitária. Assim como a realidade determina a consciência, a consciência também pode determinar a realidade (SAVIANI, 2003).

Compete [...] aos educadores lutar para abrir caminhos (escolas) mais apropriados e eficientes, a fim de que todos alcancem a liberdade que o atual momento de

evolução da história possibilita. [...] o educador não pode jamais perder de vista o horizonte de liberdade plena, concreta e imanente como objetivo fundamental da educação (NOSELLA, 2007, p. 150).

Como construir a formação omnilateral é uma questão que ainda precisa ser mais discutida, já que a nossa sociedade está organizada de forma fragmentada, existindo uma divisão dos meios de produção e do trabalho, que gera como consequência uma divisão no conhecimento e das profissões, e distinguindo os trabalhadores entre os que pensam e os que fazem.

A escola unitária proposta por Gramsci (1982) pode parecer difícil de implantar dentro de um contexto social que vai contra grande parte dos princípios defendidos. Mas como mencionado anteriormente, é necessário partir das condições disponíveis, buscando encontrar caminhos de superar as condições do presente. O que não podemos é aceitar de maneira passiva as contradições que alienam os indivíduos, e ao propor a escola unitária, buscamos medidas que apontem para uma nova situação da educação.

[...] o caminho da humanidade parte da genérica natureza humana originária, caracterizada por múltiplas ocupações, passa pela formação de uma capacidade produtiva específica provocada pela divisão natural do trabalho e chega à conquista de uma capacidade omnilateral baseada, agora, em uma divisão do trabalho voluntária e consciente, envolvendo uma variedade indefinida de ocupações produtivas em que ciência e trabalho coincidem. Está em causa, aí, a momentosa questão da passagem do reino da necessidade ao reino da liberdade (SAVIANI, 2003, p. 147-148).

Para alcançar essa formação emancipadora-libertadora, precisamos buscar construir o trabalho de forma orgânica e dialética, tendo como meio a dimensão intelectual e manual, possibilitando um novo nível de compreensão criativa, indo além da formação unilateral e técnica, propondo um perfil de trabalhador amplo, capaz de criticar, de criar, um construtor de sua emancipação e de sua qualificação enquanto ser humano. Acreditamos em uma escola que permita essa qualificação.

[...] um espaço em que cada um livremente se forme naquilo que é do seu gosto: pode ser a arte, a música, a matemática, o aeromodelismo, o radiotelegrafismo, a especialização na astronomia ou também no esporte, ou até mesmo nas técnicas artesanais. É preciso que a escola, ao invés de ser um lugar aberto cinco horas diárias, durante nove meses por ano, e pelo resto do tempo permanecer fechada e vazia, seja o espaço dos adolescentes, onde estes recebam da sociedade adulta tudo o que é possível receber e, ao mesmo tempo, sejam estimulados em suas qualidades pessoais e capacitados, responsabilmente, para gozar todos os prazeres humanos (MANACORDA apud NOSELLA, 2007, p. 149).

Segundo Marx apud Saviani (1989, p. 32), “Para se ter uma educação transformada, é preciso uma sociedade transformada, e para se ter uma sociedade transformada, é preciso ter

uma educação transformada”. Essa transformação só será possível se partirmos da situação atual, das contradições que percebemos no sistema. Não podemos esperar a mudança da sociedade para transformamos a educação, uma vez que a sociedade só se transformará quando a educação for transformadora. Mas, não podemos também buscar modificar primeiro a educação, para depois transformar a sociedade, porque a educação, para mudar também precisa que a sociedade modifique-se. Tais transformações acontecem de maneira orgânica, dialética, contínua.

A escola unitária ainda é só uma perspectiva, um caminho, talvez uma utopia, mas precisamos acreditar, e atuar, partir para uma práxis transformadora. Não podemos ficar esperando as condições ideais, porque eles nunca existiram por decreto, ou, por puro pensamento. Para a mudança, precisamos da práxis humana e progressista que aponte caminhos e meios para a construção de sujeitos emancipados e livres.

[...] atualmente parece que estamos atingindo o limiar desse mesmo processo quando o próprio desenvolvimento da base produtiva coloca a necessidade de universalização de uma escola unitária que desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos (formação omnilateral), conduzindo-os ao desabrochar pleno de suas faculdades intelectuais-espirituais. O processo de produção se automatiza; em outras palavras, se torna autônomo, autorregulável, liberando o homem para a esfera do não-trabalho. Generaliza-se, assim, o direito ao lazer, ao tempo livre, atingindo-se o “reino da liberdade” (SAVIANI, 2003, p. 148).

A formação omnilateral tem um caráter totalizante, possibilita uma formação humana integral, preocupada com o desenvolvimento do homem enquanto ser “não-alienado e dotado de uma formação verdadeiramente humana, omnilateral” (SOUSA, 1999, p. 100). Para isso, precisamos partir da realidade concreta, analisar e refletir sobre a situação desumanizante em que muitos homens e mulheres são colocados em seus trabalhos, além de processos de trabalho extremamente divididos em especialidades que limitam a capacidade de formação do ser humano. Diante desses elementos, buscar um meio “real e não-fictício” de formação dos sujeitos que construam uma educação emancipadora é premente.

Para Marx (apud SOUSA, 1999, p. 102), “o desenvolvimento do homem, sua formação, se dá como resultado da relação dialética entre o homem e toda a exterioridade com a qual ele se confronta”. Nesse sentido, a tese marxiana de que os homens fazem as circunstâncias e as circunstâncias fazem os homens aparece como um fato importante para a análise da formação omnilateral, porque estamos condicionados ao nosso meio, mas também podemos agir sobre ele.

A omnilateralidade refere-se à humanização do homem, formando um homem que nega ser apenas trabalhador ou intelectual, que se compreende como um ser de constante

mudança e formação, que está em um devir dialético, e que parte de uma práxis transformadora, um “ser genérico dotado de uma quantidade de manifestações verdadeiramente humanas, como homem não-alienado” (SOUSA, 1999,p. 101). A formação omnilateral representa essa formação ampla do homem enquanto ser livre que se constrói nas relações livres e emancipadoras.

A formação omnilateral parte da plena expansão do indivíduo humano, inserindo-se dentro do projeto de desenvolvimento social que possibilite uma equidade maior, não limitando-se ao mercado de trabalho. Assim, alcançaremos as potencialidades libertadoras do ser humano e superaremos a alienação que sofre o homem (SAVIANI, 2003). Omnilateralidade significa o conjunto, a totalidade, enquanto o unitário traz em si a integração, a unidade. Mas essas categorias só fazem sentido se delas nos utilizamos para a formação de sujeitos emancipados e comprometidos com os outros. Trata-se de um comprometimento que possibilita a construção de uma nova concepção de sociedade e educação, mais orgânica e unitária, voltada para o homem e para a mulher e que não seja determinada por um sistema, ou dividida em classes sociais, onde os oprimidos acabam colocados à margem das condições mínimas de existência, uma sociedade que seja realmente humana.

#### **4 Considerações Finais**

A escola unitária ao proporcionar a formação integral mostra-se como possibilidade de superação do homem alienado pelas relações de produção e consumo. Para alcançar a formação mais humana há um longo caminho a ser percorrido. Mas como defendemos anteriormente, não podemos esperar as condições ideais para buscar essa formação. Precisamos trabalhar com as condições de nossa época, com as limitações e contradições que percebemos na contemporaneidade.

A reflexão sobre a relação entre educação e trabalho é base para percebermos as contradições do sistema educativo, e até mesmo social, buscando apontar caminhos. Compreendendo sempre que caminhos são possibilidades, não verdades postas e imutáveis, mas não podemos “fazer de conta” que tudo está bem, tampouco cairmos na retórica de que nada pode ser feito. É possível construir possibilidades concretas de mudanças, pensando sempre nelas como algo transitório e dialético, em constante devir, porque nunca seremos os mesmos, como expressou o filósofo grego Heráclito (535 a.C.-475 a.C): “nunca nos

banhamos duas vezes no mesmo rio”. Nunca encontraremos a mesma realidade nas escolas, nos sujeitos; por isso, precisamos pensar uma educação que possibilite a emancipação de todos.

É na emancipação que devemos procurar os caminhos mencionados acima, refletindo sempre sobre a nossa prática e o nosso papel enquanto educadores, sabendo da responsabilidade que levamos para as escolas como os sujeitos que talvez não possam fazer tudo, mas que podem fazer algo. Buscar a práxis transformadora das condições sociais, criticar e questionar a ideologia dominante, para que as contradições possam ser reveladas e superadas são ações decisivas delegadas àqueles que optam pelo modelo de formação omnilateral.

A formação omnilateral pode ser o meio para a superação da fragmentação do homem moderno que deixou de refletir para apenas fazer, mas para isso precisamos conhecer o que é formação omnilateral e nos apropriarmos dela enquanto sujeitos comprometidos com a humanização dos outros. Comprometimento que não nasce do nada, mas surge da práxis conjunta no trabalho, na escola, na comunidade. Por isso, o homem contemporâneo deve ser um ser menos técnico e pragmático, formando-se mais unitário e humano.

## Referências

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Politecnia, Escola Unitária e Trabalho**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

MARX, Karl. **O Capital**. 3ª ed., São Paulo: Nova Cultural, volume 1, 1988.

MARX, K. e ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NOSELLA, P. **Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores**: Para além da formação politécnica. Revista Brasileira de Educação, ANPED; Campinas: Autores Associados, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 1989.

\_\_\_\_\_. **O choque teórico da politecnia**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.

\_\_\_\_\_. **Escola e Democracia**. 41<sup>a</sup> ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SOUSA Jr., Justino de. **Politecnia e omnilateralidade em Marx**. Trabalho & Educação. Belo Horizonte: NETE, jan/jul, 1999, n. 5, p. 98-114.